

SUBSÍDIOS PARA UMA ABORDAGEM SOCIOCULTURAL SOBRE O TALENTO ESPORTIVO

INPUT FOR A SOCIOCULTURAL APPROACH ABOUT SPORT TALENT

Larissa Zink Bolonhini*
Jocimar Daolio**

RESUMO

Este trabalho objetiva fornecer subsídios para uma discussão sociocultural sobre o *talento* esportivo, uma vez que a maioria das concepções tradicionais de *talento*, pautadas em referenciais das Ciências Naturais, secundarizam as perspectivas sociais e culturais presentes no tema. Para o desenvolvimento do tema pautamo-nos em autores das Ciências Humanas, em especial no antropólogo Clifford Geertz. Concluímos ressaltando que os referenciais das Ciências Humanas possibilitam o entendimento de como a sociedade significa e compreende o *talento*, assim como fornecem subsídios para uma possível explicação da supervalorização do termo em nossa sociedade.

Palavras-chave: Talento. Educação Física. Cultura.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo central oferecer subsídios para uma abordagem sociocultural do *talento* esportivo na área de Educação Física. Para tanto, efetuaremos uma revisão bibliográfica de três momentos. No primeiro, para descobrir a que se refere a Educação Física quando se reporta ao *talento*, buscaremos expor as concepções usuais da área por meio do levantamento de obras dos principais autores que debatem o tema. No segundo momento, a tentativa é oferecer os subsídios para uma abordagem sociocultural do *talento*. Para cumprir com a proposta nos pautaremos em dois estudos centrais: o do antropólogo Clifford Geertz (2003) sobre o senso comum e o de Kátia Rubio (2001) sobre os heróis esportivos. No terceiro momento confrontaremos as duas etapas anteriores, pautando-nos novamente nas ideias de Geertz (1989).

Voltando nossas atenções, inicialmente, para o primeiro momento do artigo, podemos

dizer que os estudos sobre a temática do *talento* iniciaram-se na Alemanha durante a década de 1960 (JOCH, 2005). Nessa época o país ainda se encontrava em condições sociais e políticas especiais, devido à derrota na Segunda Guerra Mundial. Além disso, nesse momento histórico, o mundo estava abalado pelas tensões da Guerra Fria, especialmente a Alemanha, por estar dividida em dois países, a Alemanha Oriental e a Alemanha Ocidental.

As duas Alemanhas, diante desse contexto, a partir do exemplo da Alemanha nazista nos jogos olímpicos de 1936, sabiam da capacidade do esporte de transmitir valores e ideologias e, por isso, resolveram usá-lo como propaganda a seu favor. Uma forma de se fazer tal propaganda era a posição dos atletas no pódio em competições mundiais. Assim, todos os países veriam que os melhores atletas do mundo eram ou do bloco comunista ou do bloco capitalista.

Era necessário, dessa maneira, um sistema que garantisse o surgimento desses atletas, e foi então que tiveram início os estudos sobre a problemática do *talento*. Esses estudos partiram

* Aluna Graduada da Faculdade de Educação Física da Universidade de Campinas-Unicamp.

** Professor Doutor do Departamento de Educação Motora, área de Educação Física e Sociedade, da Faculdade de Educação Física da UNICAMP.

da iniciativa da Associação Alemã de Atletismo de fundar um “Conselho de Rendimento”, sob a direção de um médico – Dr. Harald Mellerowicz, que passou a considerar o tema *talento* como o principal problema de pesquisa (JOCH, 2005).

Tempos depois, no Congresso Científico das Olimpíadas de Seul, em 1988, o *talento* esportivo foi definido pelos cientistas como: pessoas que atingem resultados superiores aos das outras, situadas no mesmo estágio de vida, devido às suas capacidades de *performance* (MATSUDO, 1989). Atualmente, observando-se as obras de inúmeros autores da área, é possível categorizar as palavras-chaves dos conceitos de *talento*. Joch (2005) atribui o *talento* a uma pessoa que possui (principalmente devido à genética) disposições para alcançar **altos desempenhos esportivos**. Kiss et al. (2004) definem o *talento* como pessoas que possuem aptidão especial para o desempenho esportivo. Finalmente, para Matsudo et al. (2007), a palavra *talento* é atribuída a crianças (em geral de oito a dezoito anos) qualificadas, por especialistas, como capazes de apresentar alto desempenho devido ao porte de capacidades excepcionais e aptidões intelectuais.

Dessa forma, ao categorizar as palavras-chaves dos autores citados acima, teríamos em comum apenas as capacidades (representando fatores biológicos do corpo humano) e o desempenho esportivo. Assim podemos dizer que a concepção de *talento* de alguns autores da Educação Física segue a seguinte lógica: é um *talento* aquele que possui capacidades especiais que proporcionam um alto rendimento.

É muito comum também na Educação Física a crença de que o *talento* é um dom. Segundo Benda (1998, p. 5), “ao analisar o termo *talento*, há a tendência a se utilizar o conceito de dom, como se alguém fosse presenteado com qualidades, capacidades, com um potencial”.

Masseto et al. (2007) estudaram a concepção de *talento* na percepção de cinco nadadoras olímpicas. Na concepção de três atletas, o *talento* aparece como um dom inato: “E o *talento* mesmo assim, acho que é meio que um dom, que a gente recebe mesmo...” (informação verbal, MASSETO et al., 2007, p. 192); “Acho que *talento* é um dom. Acho que você nasce com ele, você não adquire com o

tempo.” (informação verbal, MASSETO et al., 2007, p. 192).

De acordo com essa concepção, há também a ideia de predestinação para a atividade (muito visível nos depoimentos acima), isto é, antes do nascimento o atleta já estaria fadado a executar tais feitos.

Cabe reforçar que, segundo alguns autores da Educação Física, a concepção de *talento* possui dois sentidos: ou o termo *talento* é utilizado para caracterizar pessoas com capacidades biológicas que resultam em um alto desempenho esportivo; ou o *talento* é visto como sinônimo de dom.

É de interesse para este segundo instante do trabalho expor a relação existente entre a Antropologia Social e a Educação Física, uma vez que nos nortearmos por reflexões antropológicas sobre o corpo e a sociedade (promovidas por antropólogos e/ou educadores físicos) para apresentarmos os subsídios para as discussões socioculturais acerca do *talento* esportivo, objetivo deste trabalho.

Magnani (2001, p. 17) afirma que a Educação Física aproxima-se da Antropologia Social quando “busca modelos explicativos nos conceitos de cultura, sociabilidade, grupos de idade, ritos de passagem, dinâmica social, entre outros”. Esse autor ainda defende que o corpo é o ponto para o qual a Antropologia e a Educação Física convergem. Para a Educação Física, esse tema constitui-se em núcleo de pesquisas e para a Antropologia o corpo “é a primeira e mais disponível matéria-prima sobre o qual a sociedade imprime sinais que marcam diferenças, pertencimentos, exclusões, privilégios” (MAGNANI, 2001, p. 18).

Ainda na discussão sobre o corpo, Daolio (2001, p. 32) coloca que “uma concepção antropológica possibilita ampliar a visão da Educação Física sobre o corpo para uma entidade maior do que um conjunto biológico de ossos, músculos, articulações, nervos e células”. É essa amplitude que queremos atingir nesta discussão sobre o *talento*, ampliando o conceito para algo além de um corpo biológico privilegiado com suas capacidades.

A concepção já presente de *talento* na Educação Física, que se pauta nas teorias advindas das Ciências Naturais, não é suficiente se considerarmos a base teórica com a qual

estamos trabalhando. Isso porque é possível interpretarmos que a origem do *talento*, segundo esses referenciais, está na estrutura física do atleta, em seu corpo. Dessa forma, há uma transformação de um corpo estruturalmente semelhante a qualquer outro do gênero humano em um corpo extraordinário, com capacidades especiais. Essa transformação sugere a possibilidade de haver dois tipos de corpo: um padrão e um especial, com *talento*.

No entanto, ao pensarmos no corpo humano, podemos dizer que é algo padronizado, isto é, são sempre os mesmos ossos, os mesmos músculos, os mesmos sistemas padrões que formam o gênero humano. Embora as pesquisas comprovem que há diferenças entre composições de células e respostas orgânicas de cada indivíduo, os corpos seguem um certo padrão; e até mesmo o ser humano com *talento* possui a mesma estrutura corporal natural. Em outras palavras, por mais que os indivíduos *talentosos* possam ter alguma diferença corporal (inata ou adquirida) em relação aos outros seres humanos, essas diferenças não fogem aos padrões possíveis do gênero humano.

Daolio (2001, p. 32) escreve:

Afirmar que o corpo humano possui cabeça, tronco e membros ou um número definido de ossos ou uma mesma estrutura neural e celular é tão óbvio quanto inútil. Quando tentamos definir uma certa sociedade a partir de seu comportamento corporal, estamos o tempo todo falando de sua cultura, expressa no corpo e por meio do corpo.

A contribuição das Ciências Humanas, especialmente da Antropologia Social, para essa discussão, é que esta permite uma ampliação do conceito de *talento*. Há, sem dúvida, um fator biológico acoplado ao *talento*, mas também devemos incluir a questão cultural que envolve o tema. Atualmente há uma tendência na literatura sobre o *talento* de secundarizar os fatores socioculturais que interferem na formação de um *talento* esportivo.

Por exemplo, Masseto et al. (2003) afirmam ter estudado as “variáveis culturais” do tema *talento* pela opinião de técnicos de equipes de base. Em outro estudo, Masseto et al. (2007) citam nove autores que analisaram fatores

psicossociais que poderiam influenciar o desenvolvimento do *talento* do atleta. “Em comum, estes autores ressaltaram a importância da participação dos pais, técnicos, familiares e amigos no desenvolvimento deste indivíduo” (MASSETO et al., 2007, p. 190).

Já Matsudo (1989) relata que as condições ambientais (não especificadas pelo autor) interferem **minimamente** na evolução de um *talento*.

Não muito aquém disso, Joch (2005) cita a influência das condições sociais, dizendo que elas devem ser propícias para o desenvolvimento do *talento*. Nessa tese, as “instâncias da socialização [...] influenciam o desenvolvimento do *talento* de maneira a criar as condições para que o *talento* possa se revelar, experimentar e desenvolver suas capacidades” (JOCH, 2005, p. 106). Para esse autor, o lar é a instância que mais influencia o *talento* e, em seguida, a escola. Essa influência ocorre devido à interação do *talento* com os valores das instâncias de socialização, que acabam por ser adquiridos pelos talentos.

Sendo assim, embora haja autores que fazem referência às vertentes sociais, psicológicas e até culturais na concepção do *talento* esportivo, não há a visão da complexidade e interação entre esses fatores. Sem dúvida as condições psicológicas influem no desenvolvimento do *talento*; mas pergunta-se: como o atleta com *talento* forma suas concepções? Como ele se torna o que é? A opinião de técnicos, a participação dos pais e amigos são, sem dúvida, variáveis culturais do tema *talento*; mas a cultura é algo muito mais complexo e amplo do que essas participações.

Dessa forma, alguns autores da Educação Física que estudam o *talento* limitam-se a citar as vertentes psicológicas, sociais e até culturais da temática, mas não se aventuram a estudá-las, a aprofundar-se em seus meandros.

Seguindo essa linha de raciocínio, o agravante da concepção usual de *talento* está em reduzir ao nível simplesmente natural uma questão que é **também** cultural (DAOLIO, 1997).

Geertz (1989, p. 26) afirma que “não existem de fato homens não modificados pelos costumes [...]”. Isso quer dizer que a cultura modifica os seres humanos, garantindo a

diversidade das populações. Como a atribuição do *talento* a alguém ancora um outro significado ao seu corpo (biologicamente semelhante a qualquer outro), o conceito de *talento* possui uma ordem natural, mas, sobrepondo-se a ela, há uma ordem cultural.

Para Geertz (1989), a cultura é o fator que diferencia os seres humanos dos animais, é a condição de existência dos humanos. A cultura se faz presente em qualquer grupo social (GEERTZ, 1989). Não há sociedades sem cultura e não há cultura sem sociedades. Assim, o conceito de *talento* nessa perspectiva, que também considera os fatores culturais, apenas existe porque dada sociedade o construiu.

Geertz (1989) ainda coloca que a cultura é um fenômeno plural e público, uma vez que depende da relação entre indivíduos para ocorrer e manipula significados que só são coerentes se encontrados nas condições em que foram produzidos.

Sendo assim, a discussão acerca do *talento* esportivo, a partir desse momento, partirá sempre do princípio de que sua origem advém da relação entre indivíduos de uma determinada sociedade e que seu significado é compartilhado – é público – dentro daquela sociedade. À concepção de *talento*, de agora em diante, será adicionada a perspectiva cultural do termo.

Considerando-se o conceito de *talento* como parte da cultura de um grupo social, é de grande valia analisar como a sociedade significa e compreende o termo. Por via dessa análise podemos verificar os valores, as formas de agir e as formas de lidar com o *talento*.

Para Geertz (2003), o conhecimento pode ser sistematizado ou ser de senso comum. O primeiro tipo, isto é, o conhecimento sistematizado, é construído a partir de embasamentos teóricos e reflexões acadêmicas. Já o senso comum é construído a partir de experiências de vida, é passado por gerações e comprovado pelo próprio ambiente, não necessitando, dessa maneira, de metodologias científicas que o certifiquem.

Na primeira etapa do artigo apresentamos os significados e compreensões sociais sobre a concepção de *talento* a partir do conhecimento sistematizado, isto é, do conhecimento advindo

de pesquisas, reflexões e discussões na Educação Física.

De acordo com Rodrigues Júnior e Lopes da Silva (2008), baseados na obra de Geertz (2003), o senso comum é um tipo de conhecimento que esclarece a realidade aos cidadãos, ajudando-os a elaborar pensamentos, planejamentos e concepções sobre o mundo ao seu redor. Segundo os mesmos autores, o conhecimento do senso comum ocupa todos os espaços de convívio humano: as escolas, as ruas, qualquer lugar. Sendo assim, há possibilidade de muitas pessoas conceberem o *talento* esportivo em decorrência de experiências e vivências que tiveram, ou seja, de possuírem uma concepção de senso comum do termo, como, por exemplo, a concepção de *talento* como sinônimo de dom.

Devemos atentar para o fato de que o senso comum é o pensamento mais autoritário que há. Segundo Geertz (2003), nem mesmo a religião é tão dogmática. O senso comum se fixa na concepção dos indivíduos como uma raiz e é utilizado como explicação para qualquer ocasião: “Tenha sucesso e sempre haverá tolos para dizer que você tem *talento*”, exemplifica Maxwell (2007, p. 13).

Geertz (2003) analisa algumas cinco “quase qualidades” do senso comum a fim de “identificar, alcançar, valorizar e caracterizar sua dinâmica, além de diferenciá-lo de outros sistemas culturais, como a ciência, a arte, a religião, etc.” (RODRIGUES JÚNIOR; LOPES DA SILVA, 2008, p. 161): a “naturalidade”, a “praticabilidade”, a “leveza”, a “não metodicidade” e a “acessibilidade”. O *talento* como sinônimo de dom se enquadra perfeitamente em pelo menos três delas: na “naturalidade”, na “não metodicidade” e na “acessibilidade”. Analisaremos, a seguir, cada uma das quase qualidades que se enquadram na concepção de *talento* como dom.

A primeira “quase qualidade” do pensamento do senso comum é a “naturalidade”, isto é, o senso comum “apresenta temas como sendo o que são porque esta é a natureza das coisas” (GEERTZ, 2003, p. 129). Há uma direção óbvia a ser seguida.

Como exemplo dessa quase qualidade podemos citar o depoimento do ex-jogador de futebol Romário, dado à mídia no ano de 2002 após sua contratação pelo Fluminense: “Quando

eu nasci, Deus apontou o dedo em minha direção e disse: esse é o cara” (informação verbal, MASSETO et al., 2007, p. 190).

A segunda “quase qualidade” do senso comum que podemos incluir na discussão sobre o *talento* esportivo como sinônimo de dom é a “não metodicidade”. Essa qualidade é o que justamente diferencia o senso comum da construção do conhecimento acadêmico: o senso comum não requer comprovação, é um saber discrepante, simplesmente uma sabedoria transmitida por meio de lendas, provérbios, piadas, etc. (GEERTZ, 2003).

Por isso Masseto et al. (2007) afirmam que as reflexões acadêmicas não aceitam a simplificação do termo *talento* como um dom: a origem das concepções são diferentes. Enquanto o pensamento sobre o *talento* como um dom se forma a partir de experiências de vida, e até de provérbios, a concepção de *talento* como um ser com capacidades que otimizam um alto desempenho advém de pesquisas, testes e reflexões.

A última “quase qualidade” que se enquadra para refletirmos sobre a concepção de *talento* como um dom é a “acessibilidade”, isto é, a crença de que qualquer pessoa tem a capacidade de apreender as conclusões do senso comum se estas “forem apresentadas de uma maneira suficientemente verossímil” de serem adotadas (GEERTZ, 2003, p. 138). Em outras palavras, muitas pessoas podem passar a conceber o *talento* como um dom se essa concepção lhes soar viável: “*Talento* é um dom dado por Deus que deveria ser celebrado”, confirma Maxwell (2007, p.15).

Sendo assim, Geertz (2003) nos oferece subsídios para considerarmos a concepção de *talento* como sinônimo de dom pertencente a um pensamento do senso comum, o que nos ajuda a compreender como a sociedade, de maneira geral, explica esse conceito. Se o senso comum é compreendido pelo autor como um sistema cultural, mais uma vez podemos afirmar que o conceito de *talento* também possui forte fator cultural.

Refletindo ainda acerca da cultura de um grupo, Rubio (2001) acredita que a sociedade moderna favorece o surgimento de atitudes heroicas. Cada sociedade produz seus mitos, que são considerados manifestações culturais

(GIGLIO, 2007). Como o esporte tornou-se um fenômeno massificado e espetacularizado, a exposição dos atletas à mídia aumentou, favorecendo que muitos ocupassem o lugar de heróis na sociedade (RUBIO, 2001).

Inúmeras características do atleta podem ser comparadas às características dos heróis. Rubio (2001) apresenta muitas delas, no entanto exploraremos apenas duas, somente para ilustrar a semelhança entre o atleta e o herói. A primeira característica, para Rubio (2001), é o isolamento e o distanciamento dos familiares, dos amigos e da sociedade. Tanto o atleta como o herói enfrentam uma jornada solitária (no caso do atleta, o treinamento pode ser considerado a sua jornada) para alcançar seus objetivos.

O atleta, assim como o herói, também é capaz de mover multidões para assistir ao seu espetáculo (no caso do atleta, seu jogo, partida, corrida etc.) e de causar comoção coletiva em caso de acidente ou morte (RUBIO, 2001).

Os atletas-heróis desempenham papel de representação da comunidade e seu sucesso pode ser atribuído ao fato de eles serem capazes de transpor obstáculos impossíveis de superar pela comunidade que os idolatra (RUBIO, 2001), tais como: fazer um duplo mortal carpado (Daiane dos Santos), reerguer-se em uma maratona olímpica e chegar em terceiro lugar (Vanderlei Cordeiro), ser tricampeão em um torneio internacional consagrado de tênis (Gustavo Kuerten).

A proximidade entre algumas características do herói e do atleta e a análise do papel que este último desempenha na sociedade nos permitem afirmar que o atleta de fato é um herói contemporâneo e que esse processo de mitificação do personagem pertence à cultura de uma sociedade.

Rubio (2001, p. 98) cita alguns exemplos de atletas-heróis: Adhemar Ferreira da Silva, Carl Lewis, Gustavo Kuerten, Nadia Comaneci. Esses atletas, de acordo com as concepções usuais na Educação Física, também poderiam ser considerados talentos, principalmente porque atingiram elevado desempenho esportivo.

Rubio (2001) relata que muitos autores estão se dedicando a estudar o fenômeno da transformação do atleta em herói devido ao impacto que os atletas causam na sociedade.

Esses autores buscam uma taxonomia para identificar os atletas-heróis e alguns elementos-chaves que os constituem são: “a capacidade de vencer e de satisfazer as necessidades do grupo, **performance extraordinária**, aceitação social e espírito de independência” (RUBIO, 2001, p. 100, grifo nosso).

Vimos anteriormente, enquanto apresentávamos as concepções de *talento*, que um atleta, para se enquadrar na categoria, precisa alcançar “**altos desempenhos esportivos**” (JOCH, 2005, p.64) ou, em outras palavras, “**performance extraordinária**” (RUBIO, 2001, p. 100).

Orlandi (2003) concebe as formações discursivas como tudo aquilo que pode e deve ser dito perante certa ideologia, certo contexto. Assim temos dois termos, “performance extraordinária” e “altos desempenhos esportivos”, empregados em dois contextos diferentes. O primeiro contexto é de um mundo mágico, de super-heróis, e o adjetivo extraordinário está ligado a uma ideologia que mitifica o ser humano, supervalorizando os seus feitos; já o termo “alto desempenho esportivo” pertence ao contexto do treinamento esportivo. Nessa realidade, as ações são de atletas, seres humanos, então os seus feitos devem soar palpáveis, tangíveis. Por isso, o termo “alto desempenho esportivo” é um termo funcional: ele é um feito de um humano, e não de um herói.

Não obstante, Orlandi (2003) nos dá subsídios para considerarmos as duas expressões sinônimas; o que as distingue é justamente o contexto. Além disso, se fôssemos listar aqueles “atletas-humanos” que alcançaram alto desempenho esportivo e aqueles “atletas-heróis” que atingiram *performance* extraordinária, poderíamos supor que muitos nomes estariam em ambas as listas. Dessa maneira, os termos “altos desempenhos esportivos” e “*performance* extraordinária” remetem aos mesmos feitos.

Seguindo essa linha de pensamento, seria possível acrescentar aos elementos-chaves que constituem o atleta herói a palavra “*talento*”. Para fortalecer essa afirmação Rubio (2001, p. 100) escreve que

Esse indivíduo a quem nos referimos [o atleta herói], que vem a ser identificado como um ser raro, um entre milhares,

usufrui dessa condição uma vez que é mínima a parcela da população que pratica esporte competitivo e consegue atingir níveis de atuação e exposição que justifiquem a sua situação de ídolo.

Há dois pontos-chaves dessa citação que devemos salientar: o fato de o atleta herói ser identificado como um ser raro, um entre milhares, e o fato de que é uma parcela mínima da população que consegue atingir esse elevado nível de atuação.

Matsudo et al. (2007) apresentam o índice Z, parâmetro científico que acreditam ser eficiente na predição de um *talento*. Nesse índice, o “Z” equivale à distância a que o avaliado se encontra em relação à média de referência da população. O indivíduo avaliado, para ser considerado um atleta de nível internacional, precisa atingir ou superar o resultado de $Z = 4$. Quando esse valor é atingido, acredita-se que a proporção de resultados semelhantes ao alcançado é de 1:10.000. A conclusão que se tira é que o indivíduo que atingiu esse resultado é um *talento*. Essa pequena probabilidade de 0,01% demonstra justamente que são poucas as pessoas capazes de atingir o elevado nível de atuação dos *talentos* e, nessa perspectiva, o atleta com *talento* também é um ser raro, um entre milhares, para ser exato.

Sendo assim, não há como o atleta herói não possuir *talento*. A ocorrência do herói é rara e atinge resultados extraordinários; a ocorrência do *talento* também é rara e atinge altos desempenhos. O herói é considerado um *talento* e o *talento* é considerado um herói.

Perante esse pensamento, podemos nos surpreender com mais uma proximidade entre os heróis e os atletas. Se refletirmos sobre os heróis fictícios que foram criados para entreter, inspirar, divertir a sociedade com suas sagas e seus superpoderes, veremos que muitos deles possuem alterações genéticas, biológicas, que os auxiliam em suas missões.

O Super-Homem, embora de outro mundo, possui a forma humana e seus poderes básicos são a força descomunal, a velocidade (superior a qualquer coisa criada pelo homem) e a invulnerabilidade – esse herói é extremamente resistente: armas nucleares, balas de canhão, dias sem água e comida não o abalam. Batman

forçou-se até o limite da resistência humana, treinando seu corpo para atingir a perfeição física; e finalmente, um grande poder da Mulher Maravilha é a sua capacidade de voar (DINI; ROSS, 2007).

É interessante notar que alguns dos superpoderes dos heróis são também os “superpoderes” dos talentos: a força, a resistência e a velocidade são as variáveis neuromotoras citadas por Matsudo et al. (2007), avaliadas nos testes de seleção e detecção de *talento*.

Não é apenas coincidência as qualidades biológicas serem as preditoras do *talento* esportivo. A sociedade está organizada culturalmente de tal forma que passa a acreditar que as Ciências Naturais são a fonte de explicação para a maioria das coisas: desde a existência de superpoderes no imaginário dos criadores dos heróis até o único ou predominante fator de influência no *talento* esportivo.

O ponto-chave está no fato de que, como é da dinâmica cultural de nossa sociedade explicar o *talento* a partir da perspectiva biológica, essa perspectiva é, inevitavelmente, um produto cultural, o que apenas reafirma o patrimônio cultural existente em torno do termo *talento*.

Voltando nossas atenções à discussão dos atletas-*talentos*-heróis, concluímos reforçando que a sociedade moderna necessita de heróis (RUBIO, 2001), por conseguinte, necessita de *talentos*.

De acordo com Geertz (1989), o ser humano é, o animal mais emocional e mais racional de todos. Essa afirmação é algo possível observar em nosso cotidiano: as pessoas demonstram sentimentos e emoções ao verem filmes, ao se depararem com situações inesperadas, enfim, o tempo inteiro. Essa demonstração se dá por meio de gestos considerados pelo autor “artefatos culturais”. Em outras palavras, Geertz (1989) está afirmando que as emoções também fazem parte de processos culturais.

Sendo o ser humano o animal mais emocional de todos, Geertz (1989) discute que a humanidade necessita de imagens públicas de sentimentos. Para exemplificar a afirmação, cita as corridas de automóveis (no papel de imagens

públicas), capazes de estimular “deliciosamente” o medo da morte (GEERTZ, 1989, p. 58).

Em nosso cotidiano, há inúmeras outras formas de imagens públicas de sentimentos, mas, contextualizado-as com a concepção de *talento*, podemos dizer que os atletas heróis podem ser uma dessas imagens. Vimos, pautando-nos em Rubio (2001), que a sociedade necessita de heróis (estamos nos referindo aos atletas heróis) porque eles a representam de inúmeras maneiras. Como as corridas de automóvel são imagens públicas de sentimentos (GEERTZ, 1989), os atletas qualificados como *talentos* e/ou heróis também o podem ser: eles podem estimular emoções como, por exemplo, o medo de altura (em saltos com vara, em saltos de trampolim, em manobras em barras, etc.), o medo da dor (de contusões, de cansaço, de fadiga, de câimbra), a superação, etc.

Dessa forma existe a possibilidade de os *talentos* também se constituírem como imagens públicas de sentimentos, uma vez que proporcionam inúmeras emoções na sociedade que os acompanha, tais como a alegria da vitória, o prazer de ser consagrado e a emoção de ser famoso.

Dessa maneira, podemos dizer que um dos possíveis motivos socioculturais do fortalecimento e da exacerbação do termo *talento* em nossa sociedade é justamente o fato de o atleta com *talento* se relacionar ao herói e este, enfim, representar uma imagem pública de sentimento.

Concluímos reforçando que o referencial teórico das Ciências Humanas permite novas interpretações da temática, ampliando o conceito de *talento* para além de suas fronteiras biológicas. É importante ressaltar que acreditamos que os fatores biológicos interferem na formação do talento; contudo, decidimos, ao longo do artigo, discutir a predominância desses fatores em detrimento de todos os outros. Ao expor os pensamentos de Geertz (2003) e Rubio (2001) uma concepção de talento que não reduza tudo o que o homem é apenas ao seu nível biológico. Reforçamos a importância de estudar também, não em segundo plano, os fatores psicológicos, sociais e culturais, pois defendemos que eles são igualmente responsáveis pelo desenvolvimento do talento.

INPUT FOR A SOCIOCULTURAL APPROACH ABOUT SPORT TALENT**ABSTRACT**

This research aims at providing input for a sociocultural discussion on the notion of talent in sports. The most traditional concepts of talent, stemming from Natural Sciences framework, refrain from exploring the social and cultural aspects pervading the theme. For developing this discussion, this paper draws on Human Sciences, especially on Anthropologist Clifford Geertz. This investigation sustains that the Human Science paradigms foster a deeper understanding on how society understands and signifies *talent*, and provide a wider range of subsidies to exploit how this concept is endowed with overvalues in social practices.

Keywords: Talent. Physical Education. Culture.

REFERÊNCIAS

- BENDA, R.N. A detecção, seleção e promoção de talento esportivo em uma abordagem sistêmica. In: GARCIA et al. **Temas atuais III: Educação Física e Esportes**. Belo Horizonte: Health, 1998. p. 95-107.
- DAOLIO, J. Antropologia social e a educação física: possibilidades de encontro. In: CARVALHO, Y. M. RUBIO, K. (Org.). **Educação Física e Ciências Humanas**. São Paulo: Hucitec, 2001. p. 27-38.
- DAOLIO, J. **Cultura, educação física e futebol**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997. Coleção Livro-texto.
- DINI, P.; ROSS, A. **Os maiores super-heróis do mundo**. Barueri, SP: Panini Books, 2007.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 1989.
- GEERTZ, C. **O saber local: novos ensaios sobre a antropologia interpretativa**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- GIGLIO, S.S. **Futebol: mitos, ídolos e heróis**. 2007. 160 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.
- JOCH, W. **O Talento esportivo: identificação, promoção e as perspectivas do talento**. Rio de Janeiro: Publishing House Lobmaier, 2005.
- KISS, M. A. P. D. M. et al. Desempenho e talentos esportivos. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 18, p. 89-100, ago. 2004. Número Especial.
- MAGNANI, J. G. C. Antropologia e educação física. In: CARVALHO, Y. M. RUBIO, K. (Org.). **Educação Física e Ciências Humanas**. São Paulo: Hucitec, 2001. p. 17 – 26.
- MASSETO, S. T. et al. Concepção de talento na percepção de nadadoras olímpicas brasileiras. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 6, n. 3, p. 189-197, jan./dez. 2007.
- MASSETTO, S. et al. Variáveis psicológicas e sua importância na detecção, seleção e promoção do talento esportivo. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE: atividade física construindo saúde, 26., 2003, São Paulo. **Anais...** São Paulo: CELAFISCS, 2003. p. 197.
- MATSUDO, V. et al. Há ciência na detecção de talentos? In: **Diagn Tratamento**, São Caetano do Sul, v. 12, n. 4, p. 196-199, [s.m]. 2007. Disponível em: <[http://www.celafiscs.org.br/downloads/RDT12\(4\)987_p196-9.pdf](http://www.celafiscs.org.br/downloads/RDT12(4)987_p196-9.pdf)>. Acesso em: 18 mai. 2008.
- MATSUDO, V.K.R. O mapa do talento. **Revista Boa Forma**, São Paulo, v. 25, n. 7 p. 64, jul. 1989.
- MAXWELL, J. **Talento não é tudo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2007.
- ORLANDI, E. P. **Análise do discurso: princípios & procedimentos**. 5. ed. Campinas: Pontes, 2003.
- RODRIGUES JÚNIOR, J. C.; LOPES DA SILVA, C. A significação nas aulas de Educação Física: encontro e confronto dos diferentes “subúrbios” de conhecimento. **Pro-Posições**, Campinas, v. 19, n. 1, p. 159-172, jan./abr. 2008.
- RUBIO, K. **O Atleta e o mito do herói: O imaginário esportivo contemporâneo**. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

Recebido em 12/04/2009

Revisado em 02/12/2009

Aceito em 27/12/2009

Endereço para correspondência: Larissa Zink Bolönhini. Rua das Orquídeas, 70, Chácara Primavera, CEP 13087-430, Campinas-SP, Brasil.. E-mail: larissa.zink@yahoo.com.br